

A NOÇÃO DE ANALOGIA NO TIMEU DE PLATÃO E NA TRADUÇÃO DE CÍCERO

THE NOTION OF ANALOGY IN
PLATO'S *TIMAEUS* AND THE CÍCERO'S TRANSLATION

FRANCE YVONNE MURACHCO*

Resumo: A tradução de parte do *Timeu* de Platão por Cícero leva a reflexões sobre as soluções encontradas por esse exímio escritor latino, que era ao mesmo tempo um profundo conhecedor da língua grega e um curioso da filosofia. A palavra grega “*analogía*”, que Cícero traduziu pela perífrase “*comparatio pro portione*”, leva-nos a repensar o que era para Platão e o que é para nós uma “analogia”, o que na verdade significa “análogo”, palavras usadas tanto nas ciências quanto no vocabulário do dia-a-dia.

Palavras-chave: Platão, Cícero, *Timeu*, analogia

Abstract: Cicero's translation of part of Plato's *Timaeus* inspires us to reflect on the solutions found by that distinguished Latin writer, who had a profound knowledge of the Greek language and was a dilettante of philosophy. The Greek word *analogía* which Cicero translated as “*comparatio pro portione*” leads us to think about what it meant to Plato and what an “analogy” means to us, what actually “analogue” means, words used in science as well as in everyday communication.

Key-words: Plato, Cicero, *Timaeus*, analogy,

“Se, entre filósofos, fosse convencionado sempre o significado das palavras, quase todas as suas controvérsias seriam suprimidas”, dizia Descartes.¹ Não é minha intenção começar aqui uma polêmica sobre os motivos das discordâncias entre as escolas filosóficas, mas destacar a importância dada por Descartes ao significado das palavras, quando se lida com conceitos. Ora, nosso vocabulário em geral, e particularmente nosso vocabulário filosófico, nos vem em primeiro lugar do latim e pelos escritos de Cícero. De fato, profundo conhecedor da língua grega, que estudou tanto com os ora-

* France Yvonne Murachco é pesquisadora em Letras Clássicas na Universidade de São Paulo. E-mail: fymurachco@usp.br.

¹ DESCARTES, R. *Regulae*, XII,5. Citado por A. LALANDE em sua introdução ao *Vocabulaire Technique et Critique de la Philosophie*.

dores quanto com os filósofos gregos de sua época, em Roma e na Grécia, interessou-se Cícero pela filosofia de Platão, de Aristóteles, da Stoa. Traduziu várias obras gregas, como o *Protágoras* e o *Timeu* de Platão. Da tradução da primeira, só sabemos que existiu; da segunda, temos trechos extensos, o que me inspirou o desejo de cotejar os dois textos, o de Platão e o de Cícero tradutor de Platão.

Que melhor oportunidade poderia apresentar-se para o estudo das respectivas línguas, o latim e o grego? Cícero é um mestre no que diz respeito à língua latina e conhece perfeitamente o grego. Essas qualidades lhe davam a possibilidade de encontrar, para o vocabulário usado pelos filósofos da antiga Grécia, traduções válidas no latim, pois a filosofia grega não tivera, até então, autores latinos que se consagrassem a esse estudo, embora o interesse por ela se manifestasse cada vez mais na classe culta.

Percebemos as dificuldades enfrentadas por Cícero, o primeiro, como ele mesmo diz em várias ocasiões, a arriscar-se nesse trabalho. Não se pode dizer que todas as suas tentativas foram perfeitamente acertadas, nem que não existam imprecisões, mas muitas vezes sua tradução manifesta um cuidado notável. As inovações são sublinhadas freqüentemente pelo próprio Cícero com muitas precauções e reservas. Assim, temos no *Timeu* as seguintes ocorrências: ao dar uma equivalência para *daímones* em 40d - *Reliquorum autem, quos Graeci daímónes appellant* (...No entanto, os outros [deuses], que os gregos chamam *daímónes*) faz uma reserva *nostrí opinor lares, si modo hoc recte conversum videri potes* (para nós, acho que são 'os lares', se desse modo pode ser considerado como corretamente traduzido...-11-38), ou sublinha, em 33b: *sphairoeidés – globosum ... quod sphairoeidés Graeci vocant...* 6-17) (globoso, o que os gregos chamam *sphairoeidés*) e quando em 36a cria um neologismo para *mestetas*, sublinha sua ousadia (23) *vix enim audeo dicere medietates* (de fato, mal me atrevo a dizer mediedades).

Dentro desse trabalho que estou realizando, depois de ter completado as traduções dos textos respectivos de Platão e de Cícero, percebi que se impunha um estudo mais aprofundado do vocabulário usado tanto por Platão quanto por seu tradutor, assim como era necessário justificar certas escolhas que tive de fazer. Nossas línguas herdeiras do latim sofrem das mesmas limitações que a língua usada por Cícero. Por isso, seguindo o conselho de Descartes, tentarei entender o que significam as palavras para Platão, para Cícero e para nós, a fim de chegar a uma melhor apreensão do significado dos textos. Minha opção neste artigo restrito será limitar-me ao estudo da noção de “analogia” no *Timeu*.

A palavra *analogía* e a perífrase *analogon* foram traduzidas por Cícero por *comparatio pro portione*. Pretendo mostrar a conveniência dessa expressão. Em

primeiro lugar, o que era uma “analogia” para os gregos? A palavra é formada do prefixo *ana*, do substantivo *lógos* e do sufixo *gia*. A primeira dificuldade é tentar definir o que é *lógos*, cujo campo semântico é muito vasto, e para o qual não temos termo que cubra todos os significados. Estaremos repetindo o que todo mundo já sabe ao lembrar que *lógos* é uma forma de *perfectum* da raiz *leg*, cujo significado (cito Chantraîne) é *rassembler, cueillir, choisir*, isto é, ajuntar, colher, escolher. Concretamente, parece ser o movimento que recolhe objetos para ajuntá-los num monte, ou que separa criteriosamente alguns objetos de um monte para formar outro. Metaforicamente, é ajuntar idéias escolhidas, daí, em grego, o significado de dizer, enunciar, e, em latim, o de ler (*legere*).

Com a forma de perfeito passa a significar o resultado de uma ação; *lógos* seria então o resultado da ação mental de escolher idéias ajuntando-as, vindo a significar tanto a coisa pensada quanto a coisa enunciada, seja sob forma de palavra, de frase, de discurso, seja sob forma de expressão matemática. Implica, em todos os casos, uma construção mental que é ao mesmo tempo escolha e ajuntamento, que é enunciável e que revela uma inteligência capaz de produzi-la. Por sua vez *ana*, prefixo em *analogía* preposição em *ana-lógos*, é em primeiro lugar um advérbio; seu significado é “de baixo para cima”, com a idéia de “esforço repetido de baixo para cima, a partir de contato com uma superfície; esforço repetido, recomeçando, subindo, percorrendo.”²

Essa idéia de repetição entende-se nessas expressões como sendo um raciocínio que se baseia sobre uma idéia anteriormente expressa e da qual certos elementos são uma referência para o discurso atual. Por isso, só existe analogia entre dois elementos ou entre pares de elementos, relacionados a partir de um terceiro que expressa essa relação. É o que Euclides define, dizendo: *Analogia dè én trísín hórois elachísten* (analogia entre três termos é a menor). É assim também na frase de Platão: *desmôn dè kállistos hós án autòn kai ta syndouména hóti málista én poiê, toúto dè péphyken analogía kállista apoteleí* (e das amarrações a mais bela é a que faça a si mesma e as coisas amarradas o mais possível uma coisa só, e isso realizar-se de uma maneira muito bela é por natureza uma analogia - 31c).

Temos aqui três termos pelo menos: dois — ou mais — elementos amarrados e uma amarração. Desenvolvendo o raciocínio em relação à constituição do mundo, Timeu demonstra que existe entre os quatro elemen-

² MURACHCO H. G.: *Língua grega – Visão Semântica, Lógica, Orgânica e Funcional*, v. I, 3ª ed., p. 537. Petrópolis - São Paulo: Vozes - Discurso Editorial, 2001 e 2003.

tos formadores do mundo físico, isto é, o fogo, o ar, a água e a terra, uma relação que os torna tão perfeitamente amarrados que são indissolúveis: *kai dia taúta ék te dê touíton kai tòn arithmòn tettáron to toú kósmou soma engennéthe di'analogías homologéσαι* (E por causa disso e a partir das coisas desse tipo e que são em número de quatro, o corpo do mundo foi gerado de acordo através de uma analogia...-32c). Essa analogia é, antes de tudo, uma relação matemática que Timeu se esforça em demonstrar durante todas as fases do trabalho do demiurgo na constituição do mundo, corpo e alma.

Por sua vez, Aristóteles dá a seguinte definição da analogia, na *Ética a Nicómaco* p. 1131c: *gàr analogia isótes estì lógon*, isto é, “a analogia é igualdade de razões.” E A. Lalande define a palavra “analogia” nas línguas modernas, dessa forma: “como sentido primitivo e próprio: identidade de razão que une dois a dois os termos de dois ou mais pares, especialmente e por excelência proporção matemática”.³ Prevalecendo-me dessas definições, conservarei na tradução que proponho desses trechos a nossa palavra “analogia” que significa precisamente essa relação de identidade que interessa Platão, apesar de o significado de “analogia” ter-se enfraquecido, expressando, na maioria das vezes, uma “similitude mais ou menos longínqua entre coisas que não se parecem no seu aspecto geral.”⁴ Vejamos agora a tradução de Cícero.

É notável a precaução que ele toma na hora de dar uma equivalência à palavra: *Id optime adsequitur quae Graece analogía, Latine — audendum est enim, quoniam haec primum a nobis novantur — comparatio pro portione dici potest* (5-14) — (Segue-se isso muito bem: a que em grego é *analogía*, em latim - pois deve ser ousado, porque nós inovamos nisso em primeiro lugar - pode dizer-se *comparatio pro portione*. Algumas linhas depois, Cícero só alude à segunda parte da perífrase da qual se serve: *Itaque et ob eam causam et ex is rebus numero quattuor mundi est corpus effectum, ea constrictum comparatione qua dixi...* (5-15) (Por isso, por essa causa e a partir desses fatos o corpo do mundo está realizado pelo número quatro, reunido por essa ‘comparatio’ da qual falei..).

Evito por enquanto traduzir a expressão que Cícero usou, pois quero entender primeiro os motivos de sua escolha. Em primeiro lugar, serviu-se de uma perífrase, intuindo com certeza que nem *comparatio*, nem *pro portione* (parece-me conveniente a lição teuberiana em duas palavras) bastavam para expressar a complexidade da palavra grega, e evitou criar o neologismo “analogia”, o que no entanto fez com outras palavras. Se admitirmos, com A. Meillet,⁵ a lição

³ A. LALANDE, op.cit. – verbete *Analogie*.

⁴ A. LALANDE, op.cit. – verbete *Analogie*.

⁵ E. ERNOUT et A. MEILLET, *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine*, verbete *portio*.

comparatio proportionue em que Cícero criaria uma alternativa para a tradução, também nesse caso o tradutor apresenta duas opções porque nenhuma era satisfatória. Estudemos esses dois termos, e em primeiro lugar o conceito contido em *comparatio*. É o ato de *comparare*. Este verbo é formado com o sufixo *cum->com*, que expressa a idéia de acompanhamento, e o verbo *parare*, ele mesmo construído sobre *par*, adjetivo que Cícero explica assim em *De Inventione* 2,22,67: *Par est quod in omnes aequabile est*, isto é “par é o que em todos é igualável”, de onde *parare* é “pôr na mesma linha”, *comparare* é “aparelhar”, isto é, “ajuntar por par o que é igualável”, o que nos lembra a definição citada de Aristóteles. *Comparatio* seria o emparelhamento ou a aproximação de dois termos, e expressaria entre eles alguma relação. Esse é o termo que preferi para traduzir *comparatio*, porque os outros são muito concretos e a matemática não os utiliza.

Ora, uma analogia, como disse, implica três termos, dos quais um amarra os dois outros segundo um *lógos*, isto é, segundo um raciocínio, segundo um cálculo. Daí a necessidade de completar essa noção pela expressão *pro portione*. Acontece que a palavra *portio* só aparece em todas as suas formas flexionadas no Império, em textos de Plínio⁶ e de Sêneca,⁷ no acusativo, e suas incidências anteriores, em Catão e em Cícero, se dão sob a forma *pro portione*, sendo duvidosas todas as outras formas. Uma etimologia possível de *portio*, palavra aparentemente pouco usada nos textos literários, explica-a como a aglomeração da expressão *pro ratione*, “*ratio*” tendo aqui o seu significado primeiro de “cálculo”, “conta”, “razão” no sentido matemático do termo.⁸ Por sua vez, o primeiro significado de *pro* é: “na frente, com a idéia acessória de algo que está atrás”⁹ — e de separação a partir disso —, o que explica o ablativo. Por metonímia, passa a significar também: “no interesse de”, e adquire assim uma idéia de substituição: “no lugar de”, de referência: “segundo”, “na medida em que”.

Isso leva-nos a entender *pro ratione* como “segundo uma razão, segundo um cálculo”. O restabelecimento da preposição *pro* seria uma espécie de pleonasma por que não se distinguiria mais a preposição na forma aglomerada *portione*, segundo a explicação de A. Meillet.¹⁰ A favor dessa etimologia, constatamos que o significado de “porção”, nas línguas modernas, conserva uma noção de cálculo. É, sem dúvida, parte de um todo, mas parte delimi-

⁶ C. PLINIUS SECUNDUS, que escreveu *Naturalis Historia* e faleceu em 79 d.C.

⁷ L. A. SÊNECA, que nasceu em 1 d.C. e morreu em 65 d.C.

⁸ E. ERNOUT et A. MEILLET, *op. cit.* — verbete *portio*.

⁹ E. ERNOUT et A. MEILLET, *op. cit.* — verbete *pro*.

¹⁰ E. ERNOUT et A. MEILLET, *op. cit.* — verbete *portio*.

tada segundo uma razão, é fração de um todo. Uma aglomeração sucessiva deu, em latim, a palavra *proportio*, “proporção” em português, em que a idéia de cálculo é manifesta.

Traduziremos então a expressão usada por Cícero por “relação segundo uma razão”. Ora “segundo uma razão” é o significado rigoroso da expressão freqüentemente usada por Platão, *aná lógon*. Assim, em 32c, o demiurgo coloca entre os dois elementos extremos, o fogo e a terra, os outros dois, o ar e a água, conservando uma mesma razão, uns para com os outros, e em 37b, cita os três elementos que se unem segundo uma razão unidade: a natureza do mesmo, a do outro e a essência. Nessa frase, expressa-se a união de três elementos segundo um cálculo que indica uma proporção entre elementos emparelhados, de dois em dois, um deles servindo duas vezes de termo para o cálculo, como o demonstram tanto Euclides quanto Aristóteles: *houto dè pyrós te kai gés hýdor aéra te hó théos en mesa theís, kai pròs állella kath'hóson ên dynatón anà tón autón lógon aþergasámenos* (32c- ...assim então tendo colocado água e *houto dè pyrós te kai gés hýdor aéra te hó theòs em meso theís, kai pròs állela*, ar no meio de fogo e terra e tendo produzido as coisas umas para com as outras, quanto era possível, segundo a mesma razão). E ainda: *bate oún ek tês tautoú kai tês thatérou physeos êk te ousías trión ta toúton sinkratheísa moirón, kai anà lógon meristheísa kai syndetheías* (37b - Pois bem, como a partir da natureza do mesmo e da natureza do outro e da essência, (a alma) tendo sido misturada dessas três porções e partida e ajuntada segundo uma razão.).

Vejam agora quanto a tradução de Cícero respeita os termos usados por Platão: ...*inter ignem atque terram aquam deus animamque poneret eaque inter se compararet et pro portione coniungeret* ... (5-15 - ...entre fogo e terra a divindade pusesse água e ar e relacionasse essas coisas entre si e as ajuntasse segundo uma razão.) E: ...*quippe qui ex eadem iunctus alteraque natura, adiuncta materia, temperatione trium partium pro portione compacta.* (8-27 - ...na verdade, (a alma) que juntada a partir da natureza mesma e outra, tendo sido ajuntada a matéria e, por ligação das três partes, fortemente unida segundo uma razão...). Na sua tradução, Cícero usa, na primeira frase, o verbo *comparare* e a forma *pro portione*, o que é evidentemente outra maneira de dizer *comparatio pro portione*, só a forma *pro portione* na segunda, onde a idéia de relação e de ajuntamento é expressa por “compacta”.

É assim também que Cícero traduz, às vezes, a preposição *prós*, que contém também uma noção de relação, pois significa “ao lado de”, e, com acusativo de movimento, “posto ao lado de, em relação com”, ou, por metáfora, “em proporção, conforme, por comparação com”. Assim, nos dois exemplos seguintes reforça a tradução de *prós* por *ad* no primeiro e no

segundo por um dativo pouco costumeiro pela expressão que consagrou no texto *comparatio pro portione*: *tês moríou taítes diastáseos leiphtheíses arithmoú pròs arithmòn echoúses toús hporous ex kai pentékonta kai daikosíon pròs tría kai tettarákonta kai diakósia* (36b - essa intercalação que foi deixada da fração tendo, de um número para um número, os limites de duzentos e cinquenta e seis para duzentos e quarenta e três). E Cícero: *eius autem particulae intervallo relicto habebat <numerus ad> numerum eandem pro portione comparationem in extremis quam habent ducenta quinquaginta <sex> cum ducentis quadraginta tribus* (7-24 - no entanto tendo sido deixado um intervalo dessa fração, o número para o número tinha nos extremos a mesma relação segundo a razão que têm duzentos e cinquenta e seis com duzentos e quarenta e três). Em 32 b: *hótiper pyr pròs aéra, toúto aéra pròs hýdoo, kai hótí kai aér pròs hýdoo, hýdoo pròs géó* (o que é fogo para ar, isso é ar para água, e o que é ar para água, água é para terra...). Em 5-15, Cícero: *ut quem ad modum ignis animae sic anima aquae, quodque anima aquae id aqua terrae pro portione redderet* (de modo a que assim como o fogo se tornasse para o ar, assim também o ar se tornasse para a água, e o que o ar se tornasse para a água, isso a água se tornasse para a terra segundo uma razão.).

Nas frases precedentes percebe-se que Cícero interpretou a noção expressa, por *pròs* exatamente com o significado de *aná lógon*, e que insiste nessa aproximação dos elementos emparelhados dentro de uma razão, ou cálculo. Concluindo, portanto, é possível numa tradução, em vez de tentar conservar o quanto possível o significado literal do texto, traduzir a palavra “analogia” modernizando, quando se trata de uma analogia matemática, por “proporção”, e quando o significado é menos técnico, já dando uma interpretação por “concordância”, “similitude”. Mas ao confrontar os textos de Cícero e de Platão, nos vemos na obrigação de ser o mais exatos possível. Cícero não tinha a palavra “analogia” em latim. Evitou criar um neologismo, e nesse caso, preferiu explicitá-la por meio de uma perífrase. Traduzi o termo grego *análogia* por “analogia”, *aná lógon* por “segundo uma razão”, o latino *comparatio pro portione* por “relação segundo uma razão”, num esforço para resgatar tanto as diferenças dos dois textos quanto os significados das palavras, a fim de entender melhor as intenções do autor do *Timeu* e de seu tradutor.

[recebido em dezembro 2003]

BIBLIOGRAFIA

CÍCERO. fasc. 46 da *Bibliotheca scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana-Stuttgartiae in aedibus B. G. Teubneri MCMLXV*.

- PLATON. *Thesaurus linguae Graecae*.
- PLATON. *Timée, Critias*. Présentation et traduction par Luc BRISSON. Paris: G. F. Flammarion, 1999.
- PLATONIS OPERA OMNIA, Volume VII, *Timaeus et Critias*, Godofredus Stallabaum, Garland Publishing, Inc., New York & London, 1980.
- BAILLY, A. *Dictionnaire grec français*. Paris: Hachette, 26^a ed., 1963.
- CHANTRAÎNE, Pierre. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque, Histoire Des Mots*. 2t. Paris: Ed Klincksieck, 1984.
- ERNOUT, E. et MEILLET, A. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*. Paris: Ed Klincksieck, 1932.
- LALANDE, André. *Vocabulaire Technique et Critique de la Philosophie*. Paris: PUF, 1951.
- MURACHCO, H. G. *Língua Grega – Visão Semântica, Lógica, Orgânica e Funcional*. Petrópolis-São Paulo: Vozes-Discurso Editorial, 2001, 2003.